

## A trajetória política de Sereno Chaise: da democracia de 1945 aos dias atuais

Claudira Cardoso\*  
Gustavo Coelho Farias\*\*  
Laura Ferrari Montemezzo\*\*\*

**A entrevista a seguir**, concedida aos historiadores Claudira do S. C. Cardoso, Gustavo Coelho Farias e Laura Ferrari Montemezzo, foi realizada em duas sessões, em dezembro de 2008 e maio de 2009, nas dependências da Companhia de Geração Térmica de Energia Elétrica, no centro de Porto Alegre. Trata-se da 24ª entrevista editada pelo *Programa de história oral* do Centro de Documentação sobre a Ação Integralista Brasileira e o Partido de Representação Popular (CD-AIB/PRP). O programa era, na época, orientado pela Prof.a Dr.ª Núncia Maria Santoro de Constantino, da PUCRS (Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul), e estava vinculado ao projeto *Organização e ampliação do acervo do Centro de Documentação sobre a Ação Integralista Brasileira e o Partido de Representação Popular*, sob a orientação do Prof. Dr. René Ernaini Gertz, da mesma universidade.

Em fins de 1945, com 17, Sereno Chaise ingressou na Ala Moça do PTB (Partido Trabalhista Brasileiro), onde começaria sua trajetória político-partidária. Entre o curso de Ciências Jurídicas na Faculdade de Direito da PUCRS

---

\* Doutora em Ciência Política e professora do Instituto Federal do Rio Grande do Sul (IFRS).

\*\* Mestre em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e professor da rede estadual e municipal de ensino.

\*\*\* Especialista no ensino de História e Geografia e professora da rede estadual de ensino do Rio Grande do Sul.

e o trabalho como funcionário do Tribunal Regional leitoral do Rio Grande do Sul (TRE/RS), Sereno foi tecendo laços com outros membros do PTB, entre eles Leonel Brizola. Chaise fez parte da geração de trabalhistas que se forjou politicamente na experiência democrática de 1945-1964. Assim como Brizola, João Goulart e tantos outros, em seu relacionamento com lideranças já estabelecidas dentro do PTB, Sereno Chaise pôde acumular forças e avançar postos em sua trajetória partidária, construindo considerável capital político. Tais redes de relações, juntamente com a base eleitoral construída no meio estudantil, levaram Sereno ao cargo de vereador em Porto Alegre no ano de 1951 e, posteriormente, à eleição como deputado estadual consecutivamente nos anos de 1958 e 1962.

Na Assembleia Legislativa, Sereno Chaise viveu o progressivo isolamento do PTB no quadro partidário gaúcho. Em 1961, os trabalhistas perderam o apoio que o Partido de Representação Popular (PRP) havia dado ao PTB na eleição de 1958, apoio que contribuiu para levar Brizola ao governo do estado.<sup>1</sup> No estado do Rio Grande do Sul, o trabalhismo ampliava sua área de enfrentamento externo enquanto fervilhava em tensões e disputas internas resultantes da renovação desencadeada anos antes pela ascensão da geração de trabalhistas ligada a Brizola.<sup>2</sup> Ao longo desse processo, Sereno foi aprimorando o capital político que o impulsionaria à prefeitura de Porto Alegre em 1963. Foi lá que ele teve sua vida política atingida em cheio pelo golpe de 1964 e seus desdobramentos.

Após vencer a prévia no interior do partido, Chaise foi eleito para a prefeitura de Porto Alegre, assumindo o executivo da capital gaúcha em janeiro de 1964. Como não poderia deixar de ser, por ocupar um posto de destaque na política gaúcha, Sereno foi alvo na “Operação Limpeza” realizada pela ditadura instaurada pelo golpe de 1964, juntamente com o vice-prefeito, Ajadil de Lemos. Porém, mesmo com a cassação e a suspensão de seus direitos políticos, Sereno Chaise seguiu atuando informalmente e exercendo influência nas lutas internas do PTB, e, posteriormente, do MDB (Movimento Democrático Brasileiro). A atuação informal dos “cassados” dentro do MDB teve uma importante contribuição (Coelho, 2014, p. 164ss.), na medida em

---

1 Sobre a aliança entre o PRP e o PTB para as eleições de 1958, ver Cardoso (1999). Sobre o progressivo isolamento do PTB, ver Cánepa (2005).

2 Sobre essa renovação no plano nacional, ver Delgado (1989, p. 189ss.). Para o mesmo processo no âmbito estadual e municipal, ver Coelho (2014, p. 63ss.).

que laços políticos não totalmente rompidos seguiam em silenciosos trabalhos de bastidores – processo que é ilustrado pelo depoente.

Oficialmente fora da vida partidária, Sereno Chaise optou por continuar em Porto Alegre, onde seguiu advogando pelo tempo que lhe foi possível, e posteriormente trabalhou em um restaurante. Nesse período, manteve contato com antigos colegas de política, diversos dos quais estavam exilados. Já no período da abertura, voltou à vida político-partidária, estando presente na fundação do Partido Democrático Trabalhista (PDT), onde viveu novamente intensos conflitos internos. No início dos anos 2000, migrou para o Partido dos Trabalhadores (PT).

O depoimento de Sereno Chaise mapeia, portanto, uma trajetória de referência dentro do trabalhismo gaúcho, bem como sua colisão com a ditadura pós-1964. A importância da atuação política de Sereno Chaise foi reconhecida em abril de 2014, quando, em sessão extraordinária, a Câmara Municipal de Porto Alegre realizou a restituição simbólica dos mandatos cassados no município durante a ditadura. Dentre os nomes reconhecidos e homenageados, estava o de Sereno Chaise. Assim como tantas outras figuras, Sereno precisou se reinventar para continuar vivendo a política brasileira. Acreditamos que entrar em contato com o material a seguir possibilita conhecer um pouco mais esse período da história, que comporta ainda muitas questões a serem desvendadas e debatidas. O acervo documental do Centro de Documentação AIB/PRP foi doado em sua integralidade à PUC-RS, onde ele está depositado, e acessível a qualquer pesquisador, no Delfos – Espaço de Documentação e Memória Cultural, no prédio da Biblioteca Central.

## Entrevista (primeira sessão)

**Historiadores**<sup>3</sup> – Então, senhor Sereno, nós sempre começamos com uma pergunta introdutória... para o senhor falar um pouco das suas origens, em que região o senhor nasceu, como era a cidade, a relação com a sua família, um breve histórico desde a sua infância.

---

3 Como as perguntas foram feitas ora por um, ora por outro dos entrevistadores, optamos por padronizar a menção usando a palavra *historiadores*.

**SC** – Eu sou do interior, eu nasci no interior do município de Soledade, onde o meu pai era um pequeno produtor rural. Nós morávamos a dez quilômetros da cidade. Cidade que não era mais do que uma simples vila, basta dizer que não tinha uma quadra de rua calçada. Eu era guri lá nesse tempo e me lembro, então, quando chovia a gente ou saía descalço, ou com uma bota, porque depois ficavam quilos de barro, [riso] era horrível. E no verão, no tempo seco, era um pó, e no inverno, era um barro. E logo eu fui fazer o grupo escolar na cidade, depois, já em 1941, minha família decidiu que eu devia estudar... lá só tinha grupo escolar. Então eu fui pra Passo Fundo, morar numa pensão, com doze anos de idade, para fazer o curso ginásial. Terminei o ginásio em Passo Fundo em 1944; 1941, 1942, 1943, 1944. Bom, e aí? Naquela época, faculdade, só em Porto Alegre. Não é como hoje que, em qualquer canto, tem ensino superior. Então aí eu tive que me transferir para cá, cheguei em Porto Alegre em março de 1945. Lutando com dificuldade, trabalhando para estudar, sempre trabalhei para estudar. Minha família é uma família de pequeno produtor rural. As minhas irmãs, quase todas hoje aposentadas, eram professoras... tempos depois, né. Então essa é minha origem, sou do interior, me criei no interior, saí menino do interior, forçado pela necessidade de estudar. Bom, vim para Porto Alegre em 1945...

**H** – Então a gente vai ter o final do Estado Novo, depois a primeira legislatura; na primeira o senhor já se encontrava em Porto Alegre. Dá para o senhor fazer um panorama das disputas? Das discussões na época, como o senhor conseguia acompanhar isso e ao mesmo tempo já em 1945...

**SC** – Eu acompanhei, claro, claro. Aí nós construímos o velho PTB. Então o estado já naquela época... porque aqui é uma espécie de tradição do Rio Grande, o Rio Grande é dividido em duas metades. Antes eram federalistas e republicanos, maragatos e pica-paus, e depois aí nós construímos o velho PTB, que tinha quase a metade. A outra metade era somado o PL [Partido Libertador], PSD [Partido Social Democrático], UDN [União Democrática Nacional]. Por exemplo, essa primeira eleição estadual foi em janeiro de 1947, nós perdemos por menos de 20 mil votos de um total de 800 mil votos, perdemos para o Walter Jobim relativamente por pouco, mas o PTB já saiu daquela eleição com a maior bancada, 23 deputados estaduais de 55. É que naquele tempo a legislação era diferente, porque tu fazes, assim, um rateio, que era o cociente eleitoral. Então um partido elege tanto, o outro partido

tanto, tanto, tanto, e hoje a sobra é de acordo com um índice que vai ficando maior, distribui também, na época não era assim. Na época, a *sobra* era do partido que fazia maior bancada, então nós a rigor elegemos 18, mas toda a sobra, que era mais cinco, nós éramos maiores, então nós fizemos 23 deputados. Quer dizer, perdemos uma eleição para governador, mas saímos de longe como o maior partido, sempre foi assim na história. O Rio Grande é assim, sempre muito dividido, como é até hoje, uma parte progressista de esquerda e uma parte conservadora, mas era o “meio a meio”.

**H** – Sr. Sereno, o senhor comentou que entrou logo no início do partido, na Ala Moça. Então o senhor participou da estruturação do PTB, do partido. Contudo, em 1951, o senhor ainda era muito jovem quando se elegeu vereador. Como o senhor viu a indicação do seu nome para vereador, como é que foi?

**SC** – Foi o processo da Ala Moça. A Ala Moça, em 1947, indicou o Brizola para deputado estadual. Nós éramos companheiros de quarto e eu fui uma espécie de secretário da campanha, candidato da Ala Moça. Nos elegemos. Depois, quatro anos depois, ainda na eleição municipal – porque em 1947 foi eleição estadual; em 1950, de novo eleição estadual – depois, em 1951, já foi a eleição municipal. Então eu fui indicado pela Ala Moça.

**H** – Então, inicialmente, naquela primeira eleição, a base eleitoral do senhor foi o meio estudantil?

**SC** – Foi o meio estudantil. Claro que eu tive um apoio muito importante aqui nas ilhas, porque aqui tinha uma colônia de pescadores, a Z5, e o secretário de agricultura... Em 1951, o governador era o Ernesto Dornelles, e o secretário de agricultura era o Maneco Vargas, filho do velho Getúlio, e o chefe de gabinete dele era um agrônomo, que morreu há pouco, chamado Helio Becan, Dr. Helio Becan. E um dia ele me chamou lá na secretaria. A Secretaria da Agricultura era ali perto da rodoviária, na Júlio de Castilhos, naquele prédio que está abandonado, à direita, aquela ali era a Secretaria da Agricultura. Quando ele me chamou lá, ele disse: “Olha, vou pedir para a Colônia, a Z5, para os pescadores te apoiarem”. E realmente, naquele tempo, a ilha tinha uns 1.200 eleitores, e eu fiz 800 votos... Mas aí, até então, o que tem a ver agricultura? É que o fundamental para os pescadores é o barbante,

os novels desse tamanho de barbante [gesticula com as mãos] para fazerem as redes, e a rede estava sempre estragando e a Secretaria da Agricultura dava o barbante, fornecia de graça o barbante para eles. Bom, eles ficaram meus amigos, depois eu era vereador e passava a noite aí pescando. Naquele tempo o Guaíba era... [riso]. Era de madrugada, clareando o dia estavam as canoas aqui despejando peixe fresquinho, vivo ainda, aqui no mercado. Hoje tu não tens mais nada, a poluição acabou com os nossos peixes. Então eu fiz uma votação muito grande nas ilhas, e a nossa bancada era uma bancada brilhante, imagina: Temperani Pereira, professor universitário, um homem... uma figura excepcional; Geraldo Brochado da Rocha, morreu agora com 94 anos, faz uns 15 dias que ele faleceu; Zé Diogo, irmão do Francisco Brochado da Rocha; o Josué Guimarães, que se transformou no grande escritor, era meu companheiro de bancada; o Lúcio Marques; o velho Leopoldo Machado, que era um líder sindical e contemporâneo de Assembleia daquele tempo... da Assembleia não, da Câmara; o Alberto André, o Manoel Braga Gastal. Era uma turma, não sei se é porque a gente fica velho, mas eu hoje olho, assim, os deputados e os vereadores e acho tudo tão fraco [riso]. Acho que no nosso tempo era um pessoal... professores universitários... Temperani era uma figura, autor de livros de economia, o Geraldo era muito culto... o Josué! O Josué era um jornalista polêmico, mais tarde se transformou em escritor, mas ele tinha uma coluna no jornal, assinava Dom Chicote, era um crítico ferrenho, mordaz. Depois ele virou escritor. Eu não leio literatura, eu não li os livros dele, uma vez ele me perguntou o que eu tinha achado de *Marimbondos de fogo*,<sup>4</sup> parece que é [...],<sup>5</sup> eu não leio isso.

**H** – Então a sua... o início da sua ação mais direta na política é 1951, e a gente vê que até 1963, quando o senhor é eleito prefeito em 1963, o senhor tem uma trajetória anterior como presidente da Câmara Municipal...

**SC** – Da Câmara, isso, em 1955. Secretaria de governo, tipo Casa Civil hoje.

**H** – Aí depois como deputado, reeleito numa outra legislatura...

---

4 Livro publicado pelo ex-presidente da república e atual senador pelo PMDB (Partido do Movimento Democrático Brasileiro), José Sarney.

5 Por via de regra, as marcas de supressão indicam trechos não compreendidos da gravação.

**SC** – Em 1962, foi reeleição. Era um trabalho em equipe. Era um trabalho em equipe.

**H** – Como era que o grupo... porque havia dentro da Ala Moça, certamente, alguns que eram mais, enfim, que se tornavam figuras mais públicas, que tinham uma influência maior, outros... Com o senhor, como é que era?

**SC** – Assim, às vezes, tem luta interna, que é a pior de todas. Em 1963 mesmo, nessa convenção, houve uma disputa, eu fiz 23 votos contra 21 do Wilson,<sup>6</sup> então foi uma “diferencinha”... 23 a 21, soma 44 num diretório de 50. Dois estavam doentes, dois ou três se omitiram, quer dizer, entre os dois acabou dando em mim. Mas isso era disputa interna, em meia hora... eu reuni 28 votos às 18h. Duas horas e meia depois, às 20h30, eu fiz 23 votos. Teve três...

**H** – Mas anteriormente, teve a...

**SC** – Eu fui o líder do governo na Assembleia, eu acho que eu me destaquei um pouco foi na Assembleia. Na liderança da maior bancada também, eram 23 de novo, com 55... dava sempre 28 votos. Então, como nós tínhamos um acordo com o PRP no começo do governo do Brizola, não havia problema, quiseram cinco votos: 23, 5, 28 tranquilo. Mas a partir do começo do terceiro ano, quando se rompeu o acordo...

**H** – A partir de 1961.

**SC** – Aí tivemos que buscar outras soluções, mas nunca perdemos a votação na Assembleia. Mas aí foi uma atividade parlamentar muito grande, mas eu vivi aquilo com muita intensidade. Eu vivia a Assembleia 24 horas por dia. Claro que eu era obrigado, eu sabia tudo, tudo que se passava lá. Via tudo, tudo... tinha que acompanhar, tinha assim... sempre arrumava votos fora da bancada e sempre aprovamos tudo, até o orçamento. Então, isso aí foi uma luta, depois... na prefeitura foi pouco tempo, né; eu assumi dia 1º de janeiro e fui cassado dia 8 de maio.<sup>7</sup> Então, naquele tempo, nós perdemos assim tão fácil daquele golpe

---

6 Wilson Vargas, liderança importante no PTB gaúcho.

7 A data oficial da cassação de Sereno Chaise foi 7 de maio 1964.

de 1964, como o outro lá também ganhou tão fácil que eles meio que se surpreenderam, eles não esperavam ganhar assim tão fácil. E aí, era uma quinta-feira, quinta-feira à noite na *Hora do Brasil*, saiu a cassação. Aí, digo: “Bom, fazer o quê?”. Sexta-feira eu esvaziei as gavetas da prefeitura e digo: “Vem aí um major, um capitão, quem sabe, se era a capital do estado, um tenente-coronel, vem alguém aí”. Não veio ninguém, passou a manhã toda, ninguém, à tarde... E, naquele tempo, o Milton Dutra, que era meu vice-líder na Assembleia, quando era vivo ele era vice-líder, aí já era deputado federal. Então ele me ligava de Brasília: “Não deixa a prefeitura! Porque tu não tiveste o mandato cassado, só tiveste os direitos”. Porque era assim, a “revolução” botava assim: “Ficam cassados os mandatos e suspensos os direitos políticos de... uma lista”. Outros saíam assim: “Ficam cassados os mandatos”. Só quem tinha mandato. E outros saíam assim: “Ficam suspensos, por dez anos, os direitos políticos” – onde estava o meu. Então eu disse: “Bom, mas isso aí é discussão de sexo dos anjos, eu não vou ficar aqui agarrado como um carrapato”. Porque quem não tem direitos políticos, como pode exercer a prefeitura da capital? Isso aí não dá! Tenha a paciência! *Não!* Mas isso aí não dá. Bom, aí às 17h eu disse: “Olha...” – o expediente da prefeitura terminava às 18h. Então mandei ordem para todos os departamentos e secretarias que às 18h, quinze minutos antes, vir todo mundo para o salão nobre. Eu me despedi da prefeitura e saí. Ficou acéfala.

[...]⁸

**H** – Mas eu queria prosseguir no sentido de a gente retomar o clima ali do golpe, do golpe de 1964. Bom, o senhor é prefeito, quer dizer, prefeito da capital, o PTB tinha uma bancada majoritária na Assembleia e... Conte para a gente, assim, como é que era essa coisa, assim, não surgiu nada da tentativa de resistência, de... Bom, se aceita essa cassação de modo muito tranquilo? Como é que foi a discussão no partido?

**SC** – O ambiente era muito diferente do ambiente de 1961, quando houve a Legalidade. Primeiro, porque a tese em 1961 era uma tese, vamos dizer assim, que “derrubava pessegueiro”: já que o presidente renuncia, tem que assumir o vice, para isso existe o vice; não se queria a renúncia do presidente, mas

---

8 No trecho omitido, Sereno desviou-se da questão proposta pelos entrevistadores.



ele mesmo se negou a vir para cá e resistir a partir daqui. Já em 1964 não, a inflação era alta, estava quase com 80% ao mês de inflação, quer dizer, o PTB velho, que era a esperança da classe trabalhadora naqueles... já no segundo, terceiro ano de governo do Jango, já a inflação comendo horrores, havia muita decepção... Então o apelo popular já não era o mesmo. Em 1964, nós perdemos facilmente sem condições de reagir, sem condições de reagir. Como eles também ganharam tão fácil, muito mais fácil do que esperavam, não esperavam ganhar com tremenda facilidade. E nós caímos assim, como um castelo de areia, por quê? Porque o povo estava muito desencantado, estava muito desencantado, com razão, basicamente pela questão da inflação, basicamente pela questão da inflação.

**H** – Mas as chamadas tentativas de reformas, que tinham um apoio popular...

**SC** – Sim, o Jango lutava por isso, fez muita força, mas não adianta. O Congresso era totalmente hostil. Aliás, o nosso Congresso até hoje... É o seguinte, a Constituição de 1988 determinou que a lei ordinária fixasse os critérios para a questão da composição das câmaras municipais. Passaram-se dezesseis anos – não é dezesseis semanas e dias, *dezesseis anos* – e o Tribunal Superior fixou, adotou o critério. Aí ficaram brabos os parlamentares. Agora, está até nos jornais aí hoje, estão lá aprovando na comissão de justiça o projeto do Pompeo<sup>9</sup> aumentando o número de vereadores. Ah, o que é isso? Pega Porto Alegre, o Rio Grande tem na Assembleia 55 deputados, Porto Alegre tem na sua Câmara 36 vereadores e ainda querem aumentar? Mas o que é isso? Não tem sentido, não tem lógica. Então, o nosso Congresso... projetos importantes estão lá, dez, quinze anos na gaveta, é uma coisa de desiludir! Coisa de desiludir! E aí um sistema eleitoral também... a pessoa ganha a presidência da república com folga e fica com minoria lá. Tem que fazer concessões, tem que dar o ministério para esses, para aqueles para poder governar... Um inferno, um inferno! E esse nosso Congresso... começa o seguinte: eles trabalham terça de tarde, quarta e quarta de noite já começam a se mandar. É coisa que, se tu procurar como remédio é encontrar um deputado em Brasília sexta ou segunda. E eu estou de acordo que os deputados têm que estar nas suas bases também. A mesma coisa aqui, demagogicamente: restringiram o

---

9 Pompeo de Mattos, deputado federal pelo PDT do Rio Grande do Sul.

recesso parlamentar, mas para quê? Para quê? O parlamento, antigamente, as assembleias, a própria Câmara dos Deputados, tinha a função orçamentária. A Assembleia aqui, no tempo dos deputados classistas, em 1934, 1935,<sup>10</sup> se reunia realmente no mês de novembro para elaborar o orçamento do ano seguinte, no mais podia funcionar, mas mais para discurso. Então é um horror isso hoje, isso hoje é um horror! Aqui na Assembleia quantos funcionários tem? Cada deputado tem 15, 16 assessores. Se tu fizeres uma conta dessas, pegar a Câmara de Vereadores, vê o que custa! Se tivesse um prefeito como o Bins, aqueles velhos, o Serres, antigo... com aquele dinheiro ia mudando a cidade. Num ano já estava bem melhor a cidade. Mas essas coisas a gente nem pode falar muito, porque aí é contra a democracia.

**H** – Mas aí, mais uma questão relativa a esse momento da cassação: como é que foi a repercussão disso na sua vida?

**SC** – Não, eu não. Eu recebi três, quatro vezes gente que veio da parte do Brizola [para] me levar [ao exílio]. Do Jango também. “Mas eu não vou, tenho filho pequeno”. Vou abandonar meus filhos, vou distribuir para as minhas irmãs? Vou para lá, viver como lá? Não, sou homem pobre, vou viver de favor deles? Não, vou ficar aqui e vou trabalhar. Fiquei, não me arrependo, acho que acertei. Qualquer coisa, via qualquer bobagem, “prende o Sereno”. Eu ia preso em tudo, mas paciência, esse período passou. Aí eu não fui... Eu fui indiciado em tudo quanto era IPM [inquérito policial militar]. Não fui denunciado em nenhum, eu não respondi nenhum processo regular, não respondi nenhum processo regular. Então eu tomei essa decisão: vou ficar aqui, vou criar meus filhos, vou trabalhar. Não, não, nasci aqui e essa terra vai comer meus ossos! Não vou, não vou! Terminantemente, não vou!

**H** – Mas aí o senhor começou a trabalhar em quê?

**SC** – Eu comecei a advogar. Numa posição difícil, tentei quatro anos. Advogava ali com o Otávio Caruso da Rocha, que era meu assessor na prefeitura, e o Nei Brito, que era meu secretário de governo. Só que o Nei era aposentado do Tribunal de Contas, salário bom. O Otávio era professor catedrático da

---

10 Sereno refere-se à legislatura de 1935-1937.

UFRGS [Universidade Federal do Rio Grande do Sul]. Então chegava no fim do mês, fazia a contabilidade do escritório. A gente tinha que entrar todo mundo, mas eu não tinha renda nenhuma! Aí que eu abri o restaurante e fui trabalhar. Trabalhei sete anos, paguei as contas e depois cansei. Trabalhei de noite durante sete anos, criei os filhos, não saíram dos colégios que estavam: minha guria estava no Sévigné, se formou lá. O guri, mais velho, estava no Anchieta. Defendi a família, “saiu fogo”, mas acho que... passado o tempo, acho que procedi corretamente. Não tinha feito crime nenhum, por que exílio? Por quê? Aliás, o primeiro IPM eu recebi com... Respondi com o major Escarcela, porque a ADI, aqui a ADIT, o general Adalberto tinham uma importância até maior do que o comandante do Terceiro Exército, porque eles tinham um tripé de majores, caras de curso, curso do Estado Maior, curso em West Point, pessoas com... Era esse o major Escarcela que morreu logo no começo de 1965, o major Washington Bermudez que foi secretário de segurança e antes dele o Leo Itigoyen, o major, os três majores. Bom, eu recebi o primeiro IPM com esse major... Escarcela, morreu logo. “Major, quando o senhor quiser me prender, não precisa o senhor me mandar”... foram três caminhões, 40 soldados com metralhadora. “Isso custa dinheiro para a nação, o senhor telefone que eu me apresento aqui”. Mandar aquele horror de gente para me prender! E ele: “Bah, mas...”. “Mas major, quanto custa a movimentação dessa gente, caminhões e... Eu me apresento.” Aí ele diz assim: “Não, agora semanalmente o senhor vem aqui assinar o livro”. “Não, não, eu sou um profissional liberal, eu agora... não sou nem cidadão, não posso votar, estou sujeito só ao estatuto da OAB [Ordem dos Advogados do Brasil], então o senhor manda me prender. E nem precisa mandar aqueles camburões, telefona que eu me apresento.” “Ah não, mas não é assim também!” Aí eu digo: “Ah, mas como é que o senhor...”. Era um homem educado, todos eles, homens de curso. Agora eles tinham tudo, então lá o depoimento... botou no toca-fita o meu discurso na frente da prefeitura, quando eu ainda era prefeito. Então eu dizia ali que me congratulava com as últimas medidas do governo federal. Que medidas eram essas? Na ocasião... encampação das refinarias particulares. “Ah, esse governo revolucionário vai manter.” “Pois eu aprovo os senhores, tem que manter isso.” Não mantiveram nada! Foi um dos primeiros atos do Castello, revogar a privatização.<sup>11</sup>

---

11 Sereno quis dizer “revogar a encampação”.

**H** – O senhor falou da sua situação enquanto prefeito durante o golpe e logo em seguida. E os funcionários da prefeitura: houve algum tipo de caça aos funcionários? Porque, inclusive no ano de 1963, o ano eleitoral em que o senhor venceu, houve uma série de greves, *inclusive* de funcionários do município. Quando ocorreu o golpe em 1964, houve uma...

**SC** – Não, não. A greve dos funcionários em 1963 – o Loureiro<sup>12</sup> era o prefeito – foi por salário, estava um pouco atrasado. E aí um dia eu estou visitando o Mercado Público, assim, três horas da tarde, e chego lá um cidadão: “Eu estou aqui, lá do gabinete do prefeito. O prefeito está pedindo para o senhor ir até lá”. Todo mundo vendo aquilo ali, e eu era amigo do Loureiro. Loureiro era uma figura excepcional, já tinha nos deixado, tinha deixado o velho PTB, tinha até nos derrotado na eleição, e eu era amigo dele. Aí eu pensei assim: “Bom, o prefeito está vendo que eu estou aqui fazendo uma programação”. E estava mesmo. “Quando eu terminar aqui, umas cinco, cinco e pouco, eu passo na prefeitura.” Passei, e aí ele queria que eu fosse a Brasília falar com o Jango para liberar um empréstimo, e aí eu pensei também errado. Que eu estava vendo na campanha que eu ia arrumar dinheiro com o governo federal para fazer aquelas obras que a cidade precisava, a hidráulica do Menino Deus, essa questão dos *trolleybus*, os centros de saúde... E bom, se eu for lá agora e pedir, se eu arrumar, o Jango depois vai dizer assim: “Bom, agora já atendi o prefeito, bom, o meu pedido eu já atendi”. Se eu não arrumar eu desminto o que eu estou dizendo... Então não dá... Aí eu digo: “Olha, prefeito, eu estou na campanha, aí o senhor sabe como é, eu não posso me afastar daqui agora, só depois da eleição”. “Ah, mas depois da eleição já não me adianta mais.” “Eu lastimo, mas eu não posso.” E tirei o “corpo fora”, como que eu ia lá pleitear dinheiro? Então, houve realmente greve dos funcionários em 1963, perto da eleição, perto do... aí por setembro, por aí, outubro. Mas, depois de 1964, não, não. E também o pessoal estava com medo, logo depois do golpe... Eu abandonei a prefeitura, todo mundo ficou quietinho, o que vem aí? Nós elegemos Célio Marques Fernandes<sup>13</sup> presidente da Câmara, porque, com a Câmara anterior, eu consegui aprovar na Câmara o PAMPA 45, Plano de Ação para o Município de Porto Alegre, que previa o investimento de 45

---

12 José Loureiro da Silva, do PDC (Partido Democrata Cristão), prefeito de Porto Alegre de 1960 a 1964.

13 Célio Marques Fernandes, membro do PSD.

bilhões de reais!<sup>14</sup> Em água, em saneamento, em transporte, em saúde, em educação... *Com a Câmara velha, antes de assumir.* Eu aprovei na Câmara no dia em que mataram o [John] Kennedy, 22 de novembro de 1963! Eu fui para a Câmara às duas e pouco da tarde, a votação era ali pelas quatro horas, para aprovar. E lá pelas três e meia na Câmara chegou a notícia: “Olha, mataram o presidente americano”. O Kennedy. Foi o dia em que mataram ele. E então aí, nessa aprovação, com a Câmara velha, eu assumi um compromisso com o PSD, de dar a presidência da Câmara para eles, que eu precisava... Nós tínhamos oito votos e eu precisava mais três. Eles tinham três votos, eles me deram seis votos, aprovamos e depois nós cumprimos. Dia 1º a bancada do PTB votou no Célio, ele era reeleito, ele era vereador reeleito, tinha mais dois que davam apoio, maioria. Elegemos o Célio, aí nessa sexta-feira à tardinha eu abandonei a prefeitura e o Célio bateu lá em casa em seguida, foi lá: “Porque não sei o que, não vou assumir! Porque eu acho que vai ter eleição nova e aí tu não podia ser candidato, qual a hipótese de vocês me apoiarem?” “Ô Célio, eu sou uma coisa, o partido é outra, mas tudo bem, para o senhor é o presidente da Câmara, vamos ver como as coisas ficam.” Aí ele não assumiu, sábado e domingo a prefeitura ficou acéfala, e segunda-feira. E ele não queria assumir; o Ajadil,<sup>15</sup> que era o vice, tinha sido cassado comigo. Aí segunda de noite abriram a prefeitura, eu assisti pela Rádio Difusora, que transmitiu. O Tarso Dutra chegou de Brasília, era ministro da educação do governo “revolucionário”, recém-assumido... Estava todo mundo com medo, e eu acho que ele chegou e teve uma conversa com o Célio: “Olha, esse negócio de eleição não sai tão cedo”. Eu sei que segunda de noite, que o Célio assumiu a prefeitura, e ficou cinco anos. E eu fiz mais de 50% dos votos e fiquei quatro meses! Isso é da vida! [riso] Isso é da vida...

**H** – O senhor passou pela experiência de ser vereador e em seguida prefeito, mesmo que por pouco tempo, mas num período em que Porto Alegre estava passando por muita transformação, assim, tinha muita coisa...

**SC** – Depois de vereador, eu fui secretário do município. E depois fui para a Assembleia.

---

14 Sereno quis dizer “cruzeiros”, a moeda corrente da época.

15 Ajadil de Lemos, membro do PTB, vice-prefeito de Sereno Chaise.

**H** – E depois, mesmo quando o senhor é afastado da prefeitura depois do golpe, o senhor percebeu se houve alguma mudança na relação em função da nova conjuntura política, agora no regime militar? Passou-se a tratar as reivindicações desses moradores de uma maneira diferente, eles tiveram menos espaço para...

**SC** – Em primeiro lugar, meu filho, primeira grande consequência: a chamada pressão na panela, pressão reivindicatória... Todo mundo tinha medo. “Ah, fazer greve!” Greve... O “pau pegava”! Os milicos... Então, em primeiro lugar, a pressão, a pressão simplesmente desapareceu, zerou. E os parlamentos, a Câmara, a Assembleia passaram a papéis decorativos. A Câmara de Vereadores para dar nome de rua, assim mesmo depois dava esmola, ia lá aprovar o mapinha, dizer que aquela rua não tinha nome antigo, não sei o que e tal... Infelizmente. [...] Por exemplo, no meu tempo de Assembleia não existia esse negócio de aposentadoria, eles criaram a aposentadoria dos parlamentares. Quer dizer, deram os atrativos ali e tiraram os poderes. A Assembleia também era para fazer discurso, a Câmara é uma vergonha, uma vez a Câmara deu um título de cidadão para... porque a Câmara... como tinha o Tribunal Eleitoral – eu fui funcionário lá do Tribunal Eleitoral –, então sentou o desembargador, presidente do tribunal, então ele pegava assim... Era na Duque, agora estão demolindo o prédio ali. Ele pegava, assim, dois apenados que moravam ali para cuidar o prédio, os fundos, e ao mesmo tempo um era carpinteiro, consertar as coisas, morar ali e tal. E a Câmara tinha um marceneiro também, que era apenado, cumpria alguma pena. Acho que uma vez deram o título de cidadão benemérito para ele, bah! E os parlamentos foram limitados. E a pressão popular, a pressão reivindicatória simplesmente desapareceu pelo medo, pelo medo.

**H** – E o senhor comentou que depois de cassado, tentou trabalhar na sua formação como advogado, depois abriu um restaurante, enfim. E em relação à atuação política, como é quê...

**SC** – A advocacia presta serviço para pessoas que têm um certo padrão. E, no nosso caso, era horrível, eu tinha amigos que diziam: “Não, eu precisava disso aqui, mas se eu fizer essa ação aqui, cortam o financiamento”. Tinham medo, tinham medo.

**H** – Mas... Porque, reforçando aquela ideia que eu tinha colocado antes, o PTB desse período é uma força política do estado, mesmo, e efetivamente, com o golpe, há uma desestruturação, porque a gente percebe na sua fala que...

**SC** – Cassaram toda a liderança, uns foram banidos, exilados, e uns desapareceram, desapareceram.

**H** – Então, durante esse período, da década... de 1964 até início dos anos 1980, quando há o período da redemocratização...

**SC** – Antes disso houve assim, alguma coisa pequena, mas, primeiro lugar, a eleição era mais...

**H** – Pró-forma.

**SC** – Mais parlamentar, o presidente era eleito pelo Congresso, aqui era eleito pela Assembleia, quando se formou uma maioria que... A pessoa ilustre como era o professor Rui Cirne Lima... o professor Cirne Lima era um jurista de nome internacional, era sempre citado aqui no Supremo. Eu conheci ele, conheci bem quando ele... Aí o próprio PL, na Assembleia, o Brossard,<sup>16</sup> que está aí vivo: “Essa é a chance de elegermos o Cirne Lima”, então formou-se uma maioria que elegeu Cirne Lima. O que o governo federal fez? Cassou seis, sete deputados estaduais, transformou aquela maioria em minoria [riso] e elegeu o Peracchi.<sup>17</sup> Com o “sangue” de seis a sete. Isso já no AI [ato institucional]... 5, já!<sup>18</sup> Um período difícil da nossa história, os atos institucionais. Como eles fizeram muitas coisas... Os territórios, os territórios tinham quatro deputados federais de cada território. Como num território tudo é decidido pelo interventor (geralmente era um militar), e esse interventor elegia quem ele queria... Então o que eles fizeram na “revolução”? De quatro passaram para oito deputados federais por cada território, porque todos eram eleitos, tudo era da Arena [Aliança Renovadora Nacional], tudo era quem o interventor queria. Foi uma luta desigual, tanto é que houve um momento em que quase foi maioria... dentro do

---

16 Paulo Brossard, político gaúcho do extinto Partido Libertador e depois do MDB/PMDB.

17 Walter Peracchi Barcelos, governador do Rio Grande do Sul entre 1967 e 1970.

18 O fato ao qual Sereno se refere aconteceu em função da promulgação do AI-3 em 1966. Ver Abreu et al. (2001).

MDB, o movimento de extinção do MDB, quase maioria, por pouco não foi extinto. Aí depois se transformou em partido, mas aí é outra história, o PMDB [Partido do Movimento Democrático Brasileiro]. Então houve antes, assim, manifestações, como foi aqui a eleição do Brossard para o Senado.

**H** – A eleição do Brossard para o Senado é em...

**SC** – 1974. Nós, na eleição de 1970, nós cassados fizemos a campanha do voto em branco sem... de ouvido a ouvido, porque a imprensa não publicava, estava impedida. Então era uma campanha anônima, subterrânea, e fizemos 500 mil votos em branco. Longe, longe a eleição que até hoje deu mais votos em branco. Aí, em 1974, nós decidimos participar. E eu voltei de Montevidéu encarregado pelo Jango e pelo Brizola de conversar com o Brossard.

**H** – Na década de 1970 já, digamos assim, esse contato com os exilados já estava mais...

**SC** – Ali eu saía publicamente, de ônibus da TTL,<sup>19</sup> ia e voltava. Quer me prender, me prendam, mas eu vou, eu tenho direito. Eu ia publicamente. E aí nós conversamos e resolvemos finalmente participar. E ele no Senado, era ele e o [...] em troca. “Não, não queremos nada de ti em troca. O que nós queremos tu já vens fazendo: é que tu combatas a ditadura, é isso que nós queremos. Não fica bem nem para nós e nem para ti dizer ‘O velho Getúlio era o maior, o PTB é o maior’. Tu sempre foste adversário, não fica bem para nenhum lado. Nós queremos de ti não que se refira, nós queremos que combata a ditadura...” E ele combateu a ditadura, isso é verdade, olha aqueles discursos dele no Senado, ficaram famosos, os debates dele com o Jarbas Passarinho...<sup>20</sup> Ele amassou a revolução no Senado. Parava a Câmara, ia todo mundo para o Senado assistir os...

**H** – Aí, o senhor falou agora há pouco “nós resolvemos” a coisa do voto em branco. E aí, quer dizer, fora o senhor, havia outros que decidiram da mesma forma que o senhor?

---

19 Empresa de ônibus que operava linhas entre Porto Alegre e Montevidéu.

20 Jarbas Passarinho, ministro do Trabalho e Previdência Social durante o governo de Costa e Silva (1967-1969).



SC – Sim, nós tínhamos um grupo de cassados que estavam ali todos. O velho Caruso,<sup>21</sup> Ajadil, Wilson Vargas...

H – E vocês, de vez em quando, se encontravam...

SC – Nós tínhamos um grupo que sempre se reunia e sempre conversava...

H – Aí conversava aqui e depois fazia contato com os dois, com o Brizola...

SC – Fazia contato lá, sim. Aí a primeira vez que eu fui ao Uruguai, eu tinha um Fusca, e coisas assim... A minha filha, que mora no Rio, fez agora 50 anos – eu tenho dois netos, tem a gurua de 20, o guri fez ontem 20 anos –, ela era pequena, fomos no Fusca e eu não sabia, ela levava uma boneca e, dentro da cabeça da boneca, tinha uns bilhetes das amigas da Neusa... *Umas bobagens!* [riso] Não tinha nada, mas eu não sabia. Mas eu... se pegam aquilo iam me incomodar, e eu não sabia. Aí fomos por Jaguarão, nunca me esqueço disso. Em junho, julho de 1964, chovendo, um frio, uma garoa... Depois de toda a Alfândega, e aquilo tudo, e recibo de carro... “Pronto?” “Pronto. Agora, o senhor tem que passar lá naquela sala 307, o senhor vai lá.” Chego lá, estão os milicos. Aí um milico disse: “Onde é que está o seu carro?” “Está aqui embaixo.” Estava lá embaixo. “Então vamos descer”. Aí o cara começou a examinar o carro. Aí iam recolher o carro para o quartel, já ia anoitecer, era escuro e tinha uma luz na frente... Aí quando eu cheguei ali no quartel... Eles também não eram preparados, a gente [...] “É da pensão tal? ‘É.’ O major fulano! Pede urgente ali uma [...]”. E eu ouvindo, ali. E dali a pouco chegou o cara de culote. “Onde é que o senhor vai?” “Eu vou a Montevideú.” “Fazer o quê?” “Vou passear.” “O senhor vai visitar os exilados?” “Acho que sim.” “Inclusive o doutor Brizola?” “Não, inclusive não, vou parar no apartamento dele!” [risos] “Oficialmente o senhor não está me dizendo isso?” “Não, major, eu estou lhe dizendo oficialmente. Eu aprendi que, na hora do infortúnio, é obrigação se procurar amigo, agora se o senhor aprendeu diferente, o problema é seu. Eu vou e vou parar na casa dele.” “Ah, mas...” Aí depois, eram dez, onze da noite, aí já tinham fechado a ponte, tivemos que pousar lá. Aí ele... no Fusca abria atrás o motor – ele ia atrás... “Major, o senhor vai me desligar o cabo de vela...”

---

21 João Caruso, político do PTB.

No escuro, às dez da noite ou mais. “Não, quero ver se tem alguma arma!” “Major, o senhor é oficial superior do Exército do meu país, o senhor tem de fazer esse exame quando eu voltar, eu posso é trazer arma do Uruguai, mas eu não vou levar arma para o Uruguai.” “Eu não posso mesmo com o senhor!” Bateu. “Cuidado para não arrebentar.” É, eles não resistem a um... “O senhor tem que fazer isso quando eu voltar, vou voltar por aqui, se eu quiser trago arma de lá.” [risos] Não ia trazer coisa nenhuma, são tolices. Mas depois foi facilitando, foram abrandando, eles não incomodavam, a gente ia e vinha...

**H** – Mas aí o senhor foi sozinho, estava sozinho no carro?

**SC** – Dessa vez eu estava com os filhos e a Terezinha. Eu tinha dois filhos, o pequeno ainda não tinha nascido. Depois eu ia de ônibus, ia sozinho.

(segunda sessão)

**H** – Na última sessão... a gente referiu o período do golpe militar de 1964. O senhor mencionou algumas questões para a gente, e nós gostaríamos de saber, nesse período, no período da ditadura militar, enfim, quais foram as suas atividades, se o senhor continuou tendo algumas atividades partidárias ainda. O senhor mencionou algumas questões para nós, mas seria interessante acompanhar um pouquinho mais daquele período. Foram 21 anos de ditadura, qual foi o seu percurso em termos políticos?

**SC** – Depois do golpe de 1964 eu fui advogar, fui para o escritório de advocacia com o doutor Nei Brito e o doutor Otávio Caruso da Rocha. Acontece que eles... o Nei Brito era aposentado do Tribunal de Contas aqui do estado, o Otávio era catedrático da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, então chegava o fim do mês, fechava a contabilidade do escritório, a despesa era maior do que a receita. Eles tinham de onde tirar, eu não tinha. Então, eu aguentei uns dois anos, dois anos e pouco tentando advogar, o pessoal fugia de nós, porque todo mundo tinha medo naquela época; nós, visados pela “revolução”, cassados pelo golpe dos militares, éramos tidos, assim, como leprosos. Eu custei até, um pouco, a entender isso; por exemplo, eu tinha um apartamento em Atlântida, a gente veraneava lá, tinha um grupo de amigos... Aí naquele verão, já 1965, janeiro, dezembro de 1964... [pausa] Chegava

lá, estava ali, de repente eu estava sozinho. Custei a perceber que as pessoas iam... Ninguém queria aparecer. Bom, a advocacia também, uma bela profissão, serviço que ou tu tens sindicatos, que é uma unidade forte, ou presta serviço para quem tem recurso. Então o pessoal fugia de nós. Aí eu abri o restaurante, fui trabalhar de noite, trabalhei sete anos de noite até... até a anistia. Foi justamente em 1979, foram 25 anos. Não? 64... 15 anos. É, a anistia foi em 1979, e era meio... aquele negócio de eleições indiretas, aquela coisa toda. Mas a anistia nós... pelo menos, passamos a poder votar, porque antes não se podia nem votar. Então é isso aí, nesse período. Depois de 1979, reconheci, eu voltei, fui convidado para ser diretor-geral da Câmara... Eu achei até que era muito, assim... Eu tinha sido vereador titular, tinha sido líder da bancada, tinha sido presidente da casa em 1955. Vinte anos depois, 24 anos depois, voltar lá como diretor-geral, eu achei que era até um gesto de humildade, aceitei e voltei. 1979 a 1984 eu trabalhei na Câmara.

**H** – Perguntando então um pouco da trajetória... a trajetória política, digamos: o senhor manteve algum tipo de envolvimento, mesmo depois de casado, com o grupo do MDB? Um envolvimento informal?

**SC** – Sim, a gente tinha. Aí o MDB... não PMDB, o MDB! O senador Simon sempre procurava a gente, me lembro que eu fiz viagens com ele em atos pelo interior, chegava lá e não podia falar nada, eu só assistia. Tive vários atos assim no MDB, mas como mero acompanhante, não podia falar, estava impedido. E a gente procurava não cutucar a onça com vara curta, não ia provocar a ira dos homens.

**H** – Mas isso em que período?

**SC** – Isso a partir de 1974... uns quatro, cinco anos antes da anistia. Mas era uma coisa assim, como mero assistente, mero assistente. Estive em vários lugares do interior com a direção do MDB.

**H** – E uma questão que me desperta uma curiosidade muito grande: quando do golpe o senhor estava como prefeito, então saiu; enfim, menciona para nós que até 1979, ficou praticamente fora da vida política, e com a anistia... aí você disse agora que 1980 a 1984 ficou como diretor...

SC – 1979, 1980, 1984, por aí.

H – Como é que ficou essa coisa de retomar os seus direitos políticos, mesmo – “Eu fui prefeito eleito, quer dizer, fui tirado de modo autoritário, à força...”; essa coisa de buscar rever os direitos sobre isso, não teve nenhum tipo de encaminhamento da sua parte, do grupo político que o senhor...

SC – Não, isso aí houve, existe até hoje aquela comissão. Houve assim, uma espécie de indenizações, eu recebi uma indenização do governo federal, através dessa Comissão de Anistia do Ministério da Justiça, recebi essa indenização já há uns dois, três anos atrás. Então, retomar os direitos? Foi aos poucos, até porque a anistia também era recíproca, assim como era esquecido aqui, era esquecido lá, embora eu sempre achei, assim, não tinha contas a prestar com ninguém. Até porque aquele pessoal que nos cassou, que nos perseguiu, que nos maltrataram, aqueles já tinham praticamente todos morrido e alguns eram até inocentes úteis; por exemplo, o Meneghetti era governador em 1964, depois em 1982, 1983... um pouco antes de morrer, ele esteve na Câmara e estava conversando comigo e não tinha... claro que eu conhecia ele, e ele... eu era vereador quando ele era prefeito, isso muito antes dele ser governador, mas a idade, também. Ele não me reconheceu, até que ele me perguntou, aí eu digo: “Não, mas eu sou o fulano”. Mas ele era assim... por exemplo, as nossas prisões depois de 1964, o governo do estado nem sabia, nem mandava nada, era o Terceiro Exército. O secretário de segurança, embora nomeado pelo governador e secretário do estado, admissível [...] pelo governador, era escolhido pelo Terceiro Exército, era sempre um coronel do Exército. Porque o Adalberto Pereira dos Santos – o general que era o comandante da 6ª DI, e ele tinha força política no golpe, até que foi vice-presidente da república –, ele tinha um tripé, a força dele vinha de três majores de “alto coturno”, gente com curso superior, gente com formação até na West Point americana, que era o Washington Bermudez, que foi secretário de segurança; o Leo Itigoyen, também foi secretário de segurança; e o Major Escarcela, que era o principal dos três, que nunca saiu do Terceiro Exército e morreu em 1975 – homens cultos, todos eles eram homens de grande capacidade intelectual, cultos. Eu privei com o Washington Bermudez, conversei com ele. Com os outros... com o Escarcela, claro, respondi IPM no QG [quartel-general] com ele, era esclarecido, e esse Itigoyen eu nunca conheci. Então o secretário de segurança não dava satisfação para o governador, embora fosse secretário do governador,

entendeu? Era logo no Terceiro Exército, nós éramos presos e soltos por ordem do Terceiro Exército, o governador “nem fedia e nem cheirava”.

**H** – Mas, num sentido de destacar forças, eu lembro que o senhor comentou que... deu a impressão de que o senhor era bastante vigiado, não só o senhor, mas as pessoas...

**SC** – Sim, mas todos eram, por exemplo, o major Escarcela, respondendo o chamado IPM geral, que é o primeiro IPM – não tinha assim um troço específico, era chamado IPM geral –, ele tinha um toca-fita, ele tocou um discurso meu na prefeitura, onde eu me congratulava com as medidas recentes, medidas do governo federal, e ele parou: “Que medidas são essas?” “Mas se o senhor seguir a fita do discurso, o senhor vai ver. São a encampação das refinarias particulares, a estatização do petróleo, o senhor vê aí adiante.” “Mas a revolução vai manter isso!” “Mas eu lhe congratulo, major, isso é uma medida fundamental para o desenvolvimento do país, de que a questão do petróleo seja matéria do governo federal e não objeto de lucro, não objeto de negócio, seja uma coisa tratada como importante para a segurança nacional, não como objeto de negócio.” Então eles tinham gravado, já antes do golpe eles estavam nos monitorando, gravando... eles tinham ali o discurso gravado.

**H** – Era perceptível essa coisa de que havia apenas... de grande parte dessas pessoas, unicamente um cumprimento de uma ordem, ou nas ações se percebia, assim, que... bom, essas pessoas...

**SC** – Havia muito... vamos dizer assim: havia muito “infantilismo” no negócio. Eu hoje tenho aí, que requeri, recebi agora há algum tempo, umas 200 páginas de toda a minha ficha no SNI [Serviço Nacional de Informações], tem cada bobagem que não dá para contar. A grande... 90% é bobagem. Quer dizer, é o que eu digo, nós perdemos muito facilmente, não estávamos preparados, e eles também ganharam muito facilmente, eles não estavam preparados para ganhar assim tão rapidamente, então montaram aquelas coisas... Eu não sei, São Paulo, DOI-CODI [Destacamento de Operações de Informações – Centro de Operações de Defesa Interna], depois aquela luta armada, princípio de luta armada... aí houve, vamos dizer assim... houve uma... foi acentuada a violência, mas antes era na base da fofoca, da bobagem... provincialismo... e depois de 1964, nem se fala. Aí aonde eu ia, parava um carro do

meu lado, dois inspetores da polícia, um até era aqui de Canoas, um rapaz da polícia, Inácio não me lembro de quê. Anos depois ele... enfim, na função policial, ele atirou em não sei quem, fui até advogado dele, e ele disse: “Eu não posso pagar, doutor”. “Eu não estou te cobrando, vou te defender de graça.” Então parava o carro, eles paravam. Aqui, naquele tempo, eu estacionava na Praça da Alfândega, e “Não, eu vou ali, na segunda sessão do cinema Imperial”. “Depois o senhor vai para casa?” “É, vou para casa.” “Não, porque nós vamos botar isso no boletim, estamos cansados, vamos embora.” “Pode botar isso, porque é o que eu vou fazer.” Bom, aí uma vez nós combinamos, os cassados, de irmos na sede do MDB, combinamos entre nós, quietinhos. Chegamos lá, deu... bah, o presidente encerrou a sessão com medo, os próprios companheiros tinham medo. Entrou aquele grupo, dez, onze cassados.

**H** – O senhor recorda em que ano era isso?

**SC** – 1966, ou 1967, não sei. E aí essa noite eles foram... Aí eu digo: “Não, olha, isso vai sair em jornal, nós vamos estar lá, vai sair a hora que chegamos, a hora que saímos, isso é bom vocês fiquem lá e botarem direito no boletim para não complicar a vida de vocês.”

**H** – O presidente, por acaso, não era o Victor Issler?

**SC** – O presidente era.

**H** – Mas e qual seria a razão, a explicação? Por medo do resto do grupo, quer dizer, do conjunto de militantes e de representantes do MDB, 12 de vocês foram cassados...

**SC** – Muito mais. Dez ou doze estavam ali naquela noite. Muito mais. Quando nós estávamos presos lá na escolinha, nós éramos 23. Muito mais, cassados eram cento e tantos.<sup>22</sup>

**H** – Aqui no Rio Grande do Sul?

---

22 Sereno se refere ao total de cassados nos três níveis (municipal, estadual e nacional) ao longo dos vários períodos do regime militar, mesmo antes da extinção do PTB e da criação do MDB.

SC – Sim.

H – Sim, mas aí... eu insisto na questão: e por que o receio? Pelo visto a maioria...

SC – Tinham medo, tinham medo, tinham medo de perseguição, de represália do poder do momento. *Tinham medo, era medo!*

H – Mas dá para a gente também pensar que não era só o senhor, eram vários de vocês que eram do MDB, do PTB... Então eu questiono, na verdade pergunto, porque me parece, assim, que havia então um destacamento muito grande para fazer todo esse processo de acompanhamento...

SC – Sim, sim. Depois, mais adiante, quando o PTB<sup>23</sup> já criou mais raízes, a consciência brasileira já foi mudando, tanto é que depois já tivemos a anistia; a anistia não foi uma concessão, um subsídio, ela foi uma espécie de conquista da opinião pública, da opinião geral do povo brasileiro, eles tiveram que ceder contra a vontade; por eles, não davam. Então nesse primeiro momento, o medo estava lá no meio dos nossos companheiros; depois, mais adiante, isso foi mudando, foi até eu fazer a viagem com eles, aí era procurado e convidado. Uma vez o Simon me convidou para ir a, nós fomos a... era uma eleição, nós fomos a Ciríaco. Um municípiozinho na época novo, recém tinha se emancipado de Passo Fundo. E lá eu conheci o cara que depois ia ser a primeira vez que eu votei nele, o Odacir Klein,<sup>24</sup> era prefeito de Getúlio Vargas. E ali, então... ele era candidato a deputado federal, e tinha ali um deputado federal, candidato à reeleição, Elói Lenzi.<sup>25</sup> E ali eu só assistia, nem anunciavam minha presença. Era cinco minutos para cada um; o Klein, quando falou cinco minutos, passou três ou quatro elogiando o concorrente, o Lenzi, que estava ali presente, um gesto assim, digno. O Lenzi, quando falou, nem se referiu, e eu fiquei: “Bah, que pena, esse ‘gringuinho’ parece boa gente, um ‘gringuinho’ aqui do interior, boa gente, assim, inexperiente, ingênuo, né”. E aí o velho, a raposa velha comendo ele... Bobo era eu, ele estava com um ser-

---

23 O depoente se refere ao MDB.

24 Ex-membro do PTB, na época membro do MDB, partido pelo qual foi vereador, mais tarde deputado federal do PMDB.

25 Elói Lenzi, deputado federal pelo MDB e PDT entre 1971 e 1983.

viço por baixo feito, só elogiou ali, mas os votos levou ele, o Lenzi não se reelegeu e ele foi eleito, o Odacir Klein; mas nessa eu ainda não votava, depois eu votei nele. Então as coisas iam mudando, de acordo com o tempo, mas bem no começo os próprios companheiros tinham medo de andar com a gente.

**H** – O senhor tocou na questão da anistia, então eu gostaria de fazer umas perguntas mais específicas: o senhor teve algum envolvimento mais próximo com alguns dos movimentos em prol da anistia, como, por exemplo, o Movimento Feminino pela Anistia?

**SC** – Eu tinha sempre muita vivência com a Lícia,<sup>26</sup> com a dona Mila... Era o pessoal nosso, ali. A irmã do Brizola, a Quita, que era assim muito temperamental, mas que... três que trabalharam muito nisso, trabalharam muito nessa questão da anistia. A Quita já morreu, a Lícia está aí, a dona Mila está com 94. Ela fez dia 2 de fevereiro, eu sei porque minha irmã faz... fez 4 de fevereiro, 93, a dona Mila é um ano e dois dias mais velha que a minha irmã mais velha.

**H** – Exatamente um ano e dois dias.

**SC** – É, exatamente. Então, com o trabalho a gente tinha contato, mas o trabalho era delas, elas que conquistaram. E era, vamos dizer assim, uma exigência da consciência nacional, da consciência do povo. Em nome de que os próprios militares vinham anunciando, “É o Geisel para fazer a abertura”, aí escolheu o Figueiredo, que era para completar a abertura, então, “Está na hora de anistia, tem que sair”.

**H** – Nos anos 1980 a gente vai ter uma disputa, no período do final da década de 1970, uma disputa pela sigla do PTB... O senhor acompanhou, assim, de perto?

**SC** – Claro.

**H** – Pode comentar para nós um pouquinho como é que... qual foi o principal alvo da disputa, o que estava em jogo?

---

26 Lícia Peres, liderança atuante no Movimento pela Anistia no Rio Grande do Sul.



**SC** – Não, o Brizola requereu no TSE [Tribunal Superior Eleitoral] o registro da sigla. A Ivete Vargas, o grupo de São Paulo, também requereu. E hoje está comprovado, porque na época diziam que era dor de cotovelo da nossa parte, mas houve interferência do Golbery<sup>27</sup> por baixo; até hoje, mesmo os altos tribunais da república sofrem influência. Eu sei que o TSE acabou dando razão a ela, dando a sigla para ela, então nós perdemos a sigla. Foi por isso que se partiu para a fundação de um novo partido. Que era PTD, *P-T-D*; um mês depois na primeira reunião no Rio de Janeiro, nós mudamos a sigla, porque era mais fonético, PDT. É muito mais fácil dizer PDT do que dizer PTD, era uma questão de... como é que se chama isso, é? Fonologia, como é? Áudio... não, acho que é...

**H** – É meio cacofônico, não é?

**SC** – É. Foi... isso aí, nesse livrinho que eu escrevi,<sup>28</sup> eu conto que eu acho que foi um dos erros do Brizola. Porque ele nos dizia, aqui, que a disputa com a Ivete é que ela queria indicar... na época, eram 21 estados, ela queria... dava para ele indicar o Rio Grande do Sul – isso eu escrevo nesse livro em detalhes –, a verdade histórica é que não é bem essa, a verdade histórica é que ela queria indicar em São Paulo, e eu acho que ele deveria ter aceito, porque ela era uma mulher... imagina, ela nessa época era deputada federal com 140 mil votos – isso equivale hoje a 600 mil –, sobrinha-neta do velho Getúlio, feia, quadrada, “monstra”, uma mulher de 120 quilos, [risos] era casada com um industrialista riquíssimo, que era apaixonadíssimo por ela, ela tinha avião – naquele tempo ninguém tinha nem auto para fazer política, ela tinha avião particular. Então, não é só pelas condições materiais, é pela garra dela, uma mulher... ela me pegou, eu morava ali na Arlindo – depois eu botei telefone do lado da cama –, eu só tinha telefone na parte de baixo, e era uma noite muito quente, assim, de verão; tocou o telefone meia-noite, eu descí só de cueca, que era muito quente, era ela no telefone. E eu insisti: “Está bem, amanhã falamos, está bem, vou pensar nisso”. Só consegui desligar o telefone às 2h20, *duas horas e vinte!* [...] ia argumentando... E eu: “Está bem, amanhã falamos”. Então isso eu acho que foi um dos erros dele, eu digo nesse livro que na minha opinião

27 Golbery do Couto e Silva, idealizador do Sistema Nacional de Informações (SNI).

28 *O diário político de Sereno Chaise: 60 anos de história* (Klöckner, 2007).

ele cometeu três grandes erros, que ele pagou, porque foi o que evitou dele ser presidente da república: que foi a perda da sigla, uma; a briga com a Globo, a outra; e a deposição do Adhemarzinho da presidência do PDT em São Paulo. Que eu achei um erro, um erro, é... Tal coisa, como diz o castelhano... o castelhano deu uma epidemia muito forte, que morria todo gado e cavalos, e tinha o castelhano que tinha só o cavalo de montaria, apareceu com o arreo nas costas no bolicho: “Mas como?” “So no lo pierde, quien no lo tiene”. [risos] Esses líderes sindicais de São Paulo, o Magri,<sup>29</sup> esse que era deputado federal há dois anos atrás, da Força Sindical, esses procuraram muito o Brizola em São Paulo e queriam apoiar, queriam porque tinham cinco milhões de votos em São Paulo; não tinham, dois milhões tinham, mas como é que iam apoiar se o partido era [...] de São Paulo? Do patrão, oficial, que era o Adhemarzinho, Adhemar de Barros Filho, um homem educado, correto... Que o Brizola acabou entrando num processo de “degola” do Adhemarzinho; no dia em que ele “degolou” o Adhemarzinho, que aí ele renunciou à presidência e se desfilou do partido, no mesmo dia esse grupo – o Magri, o Medeiros,<sup>30</sup> que era esse que era deputado federal, e outros líderes sindicais –, no mesmo dia eles “colloriram”,<sup>31</sup> no mesmo dia eles apoiaram o Collor. E aí nós temos a nossa expressão: “Ficamos sem merda e sem porongo”. O Adhemarzinho, daqueles seiscentos municípios paulistas, ele tinha organizado diretório municipal na metade, trezentos. Bom, eram muitos diretórios meio artificiais, meio... Como é que a gente chamava na época? Meio cartoriais, é, podia até ser, e muitos eram constituídos por velhos adhemaristas, pessoas que eram ligadas ao pai dele, mas era uma estruturazinha. Ele, Adhemar, falava em fazer 10% dos votos em São Paulo, isso ele não faria de jeito nenhum, mas a verdade é que aí veio a eleição de 1989 e o Brizola quase chega à presidência; fez em São Paulo 0,4% dos votos. Se fizesse 0,8%, o dobro – não precisava 1% –, se fizesse 0,8%, passava para o segundo turno e provavelmente venceria o Collor. Porque ali o Lula não tinha o preparo, nem a décima parte do que tem hoje. Aí naquele debate – o Collor ganhou a presidência da república na base do debate –, puxou o troço da filha, da Lurian, filha do Lula... E o Lula tinha na

---

29 Antônio Rogério Magri, que viria a ser ministro do Trabalho e da Previdência Social do governo Collor (1990 a 1994).

30 Luiz Antonio Medeiros, membro da Força Sindical.

31 Expressão da época que significava dar apoio ao candidato do PRN (Partido da Reconstrução Nacional), Fernando Collor de Mello.

pasta o Collor junto com o filho do Buzaid,<sup>32</sup> que era o ministro da Justiça, participaram da tropa com aquela guria que eles mataram em Brasília, saiu na imprensa, tudo, na época. O Lula tinha a pasta com tudo aquilo e não quis abrir a pasta, não quis atacar o Collor. Perdeu a eleição ali.

**H** – A gente queria que o senhor desse o seu comentário em torno da morte do João Goulart, que é um assunto que foi retomado na imprensa, há pouco, com a descoberta de alguns documentos...

**SC** – Tem que olhar o conjunto da América Latina. Claro, o Jango tinha problema cardíaco, isso tinha, tanto é que volta e meia ele ia a Paris. O Jango era uma pessoa boníssima, modesto... Eu sou suspeito, porque me dava muito bem com ele. Mas aqui, no conjunto, houve uma série de coisas: lá em Washington, em plena cidade de Washington, explodiram um carro com o Letelier,<sup>33</sup> que era o ministro do exterior do Chile, que era um homem de esquerda. Aqui em Buenos Aires e no Uruguai, mataram gente, mataram o Juan José Torres, que tinha sido presidente da Bolívia, que era um homem de esquerda. Mataram o general Prats, que foi onde abriram caminho para a ditadura do Pinochet. Se o Prats fosse vivo, o Pinochet não chegava lá. O senador... como era o nome dele? Martini, Matine,<sup>34</sup> como é? Mataram. Então há uma série de episódios aqui mesmo... Até hoje não está explicado aquele acidente do carro do Juscelino. Acostumado, motorista competente, acostumado a viajar naquela estrada e de repente tromba... Então dentro daquele contexto, há essa história de que teriam trocado os remédios e tal... Acho que hoje é inequívoco que existiu a tal Operação Condor, que era uma operação de direita para eliminar essas pessoas; muitas está claro que foram mortas com brutalidade. O Jango morreu dormindo, aí podia ser troca de remédio... Eu não tenho elementos concretos para dizer “foi” ou “não foi”. Isso é uma coisa que eu acho que tem...

**H** – De qualquer maneira, no ano em que o João Goulart morreu, já se estava no processo de abertura aqui, e ele voltando, seria uma força política incômoda...

---

32 Alfredo Buzaid, participou da Ação Integralista Brasileira durante a década de 1930 e foi ministro da Justiça do governo Médici.

33 Orlando Letelier foi ministro do governo Salvador Allende, no Chile dos anos 1970.

34 Sereno deve estar se referindo ao senador uruguaio Zelmar Michelini.

SC – E quem mais desejava voltar do exílio era ele! Ele tinha saudades imensas da pátria, ele queria voltar, ele estava fazendo contatos com militares aqui, negociando retorno. Consta até terem dito: “Mas se chegar aqui vai ser preso”. “Não tem importância, vou preso, não cometi crime nenhum.” Mas isso tudo são conjecturas, e eu falei com o Jango pela última vez, acho que um ano antes dele morrer, lá no El Milagro, Milagro ali a seis quilômetros de Punta del Este. Ali ele tinha uma fazenda, onde ele gostava de parar. E ele vinha sendo ameaçado também no Uruguai, porque o Uruguai, com a eleição do Bordaberry, com o golpe do Bordaberry, as coisas ali no Uruguai começaram a... por exemplo, ele tinha possuído um frigoríficozinho. Então tinha cinco, seis caminhões para carregar carne, começaram a fiscalizar o negócio dos caminhões, examinar... E começaram de vigia para ver a hora em que ele saía, ele começou a se sentir... tanto é que na última vez que eu conversei com ele lá, pela tarde, cheguei lá e saí de noite. Ele até puxou, assim, e me mostrou um telegrama do Stroessner, felicitando e dizendo que estava à disposição. Ele disse: “Mande sempre ficar cheio o tanque ali do aviãozinho. Qualquer coisa, estou sentido que eu vou para o Paraguai”. Chega lá não é recebido, é recebido com *fiesta!* Porque o Stroessner era um sujeito liberal nesse sentido, era um ditador, tomava uma caixa de cerveja por dia; mas eu, por exemplo, fui a Assunção negociar a volta do Brizola, que estava nos Estados Unidos; quer dizer, no Uruguai não podia voltar, tinha sido expulso... na Argentina, ditadura... no Chile, ditadura... Bolívia, ditadura... Paraguai, ditadura... mas é um ditador mais manso, que toma cerveja [riso]. Fui lá e negocie com o governo paraguaio a volta do Brizola por Assunção. Um avião da Braniff que veio de Nova York a Assunção. Então era... o Jango, assim, tinha um desejo ardente de voltar, estava procurando negociar a volta; tinha, assim, uma certa desilusão com a política, um homem que trabalhou muito, voltado muito para essa questão da pecuária, ele conhecia profundamente... Então tem uma tropa de trezentos bois e ele dizia: “Isso dá uma média de quinhentos quilos”. Botava na balança e dava quinhentos ou dava uma diferenczinha... Ele conhecia, comprava, vendia muito e *conhecia*, conhecia, ganhou dinheiro para ele, para família. Tinha uma propriedade muito grande; ele morreu, tinha... muito grande, um acervo muito grande. E ele queria muito trabalhar nisso, voltar para isso era o que ele gostava: fazenda, comprar gado, vender gado, engordar boi... Ele conhecia esse assunto.

**H** – E como o senhor avalia a repercussão que houve, na época, entre a opinião pública aqui e entre os círculos de esquerda aqui, a esquerda legal, ou mesmo quem o senhor sabia que havia de militantes na clandestinidade. Como eles receberam a notícia da...

**SC** – Todo mundo recebeu com tristeza, com tristeza. E a própria ditadura, o governo tomou medidas. O corpo veio lá por Uruguaiana, criaram problema lá na ponte... No fim, em São Borja, já no dia seguinte... não se deu até um negócio mais feio ali porque tinha um tenentezinho da Brigada, preto, negro, que a ordem era para ir num caminhão, não podia carregar o caixão; e o povo resolveu levar o caixão, e aquilo ia dar um atrito muito feio, e eu peguei assim: “Qual é o problema? Deixa o povo levar daqui até o cemitério”. E ele acabou concordando e foi, e digo: “O senhor vai junto! Ninguém vai fazer nada, vai enterrar”. E ali ia dar um troço que o povo ia à força, se bota a brigada ia ser feio aquilo, não foi. Quer dizer, não era ainda esse período de horror, de odiosidade acentuada, quer dizer, por que dificultar? Coisas horríveis! Por isso que eu digo, tomara que nunca mais no país sobrevenha um problema assim. O Brizola ali perto, morre a mãe, não pode vir no enterro da mãe... Sabe lá o que é isso? A mãe que ensinou ele, que alfabetizou. Um guri pobre do interior, a mãe era tudo. Essas são coisas muito ruins, muito tristes, não servem para ninguém... Tomara que isso nunca, nunca mais, nunca mais venha.

**H** – O senhor comentou um pouco a respeito da campanha do Brizola à presidência da República em 1989, dá para mostrar um pouquinho mais para nós da organização no Rio Grande do Sul?

**SC** – Aqui nós ganhamos a eleição, faltou é o conjunto nacional. Tu não chegas à presidência da República sem uma certa média entre todos os estados, uma certa margem, principalmente em São Paulo. Tu vê, o que o país tem hoje? Oitenta milhões de eleitores, um pouco mais. Cem milhões, já tem. Sim, mas São Paulo tem 28 milhões, né. Um peso muito grande.

**H** – Quando eu mencionei a articulação, como é que foi essa tratativa...

**SC** – É, eu nunca me esqueço. De repente, o Jango nos mandou chamar urgente a São Borja; sem saber por que, nós fomos. O Brizola era o presidente, o diretor. Aí chegamos lá. O Juscelino estava chegando lá, na granja do Jango,

que ali tinha pista para pousar [...]. Foi quando o Juscelino foi lá convidá-lo. [...] a tarde inteira lá de conversa, posaram lá, à noite houve um comício na cidade... Na manhã seguinte, na hora de ir embora, na porta do avião, o Juscelino: “Jango, não te esquece do que conversamos, nosso plano é especial para São Paulo, nós temos que fazer no mínimo 10% em São Paulo, senão nós não chegamos lá”. Isso o Juscelino dizia naquela época.<sup>35</sup> Eu não digo 10%, mas quem não fizer no mínimo cinco, no nosso caso, ali ao redor, com apoio forte de Santa Catarina, Paraná... se tivesse feito 1% em São Paulo, tinha chegado ao segundo turno. E no segundo turno tudo poderia acontecer. Então aqui, o apoio foi muito forte, porque aqui no Rio Grande, para usar uma expressão chula, “até os cachorros sabiam” que o PDT era o velho PTB. Agora, *até lá o Norte ninguém entendia isso! Ninguém sabia*. Não, o PTB era o Getúlio, era o Jango... Ninguém sabia. Aqui não, aqui todo mundo sabia. Então, automaticamente, daqui veio para cá; agora no Norte, no Nordeste, PTB era uma sigla enraizada, e PDT era uma coisa nova, *ninguém sabia o que era!* Então teve uma grande influência nessa eleição dele, como teve a Globo. Aí eu disse para ele: “Para com esse negócio da Globo, não precisa ficar amigo do velho, não precisa mandar emissário, *só para de falar isso!* Que nem um carro na descida, bota em ponto morto e deixa rodar”. Não... Aí, o que o velho pensa? “Esse louco vai me liquidar mesmo, então eu tenho que evitar a eleição dele”. Aí, fazer entre quem? O Lula eles não iam engolir. “Tem aquele rapaz louco lá de Alagoas que é... Como é? Caçador de marajás.” Pegou e abriu! *O Jornal Nacional*, o Collor aparecia todas as noites no *Jornal Nacional* dez, quinze minutos, isso não é brincadeira! Pegou e construiu, porque quem elegeu o Collor foi o Roberto Marinho, foi a Rede Globo.

**H** – E qual razão maior da sua saída, do seu afastamento do PTB?

**SC** – Bom, aí é um rosário de coisas, aconteceu uma série de coisas, principalmente a candidatura do Brizola à prefeitura do Rio, em 2002, né? 2002. E eu, absolutamente... ele chegou aqui com aquele grupo que acompanhava ele [...]: o Lupi,<sup>36</sup> hoje é ministro – me dou bem com o Lupi até hoje –, o... aí de Santa Catarina, Manoel Dias... “E o partido está salvo!” “Ah, é? Me conte como.” “Ah,

35 Sereno refere-se à disputa eleitoral de 1955, quando Juscelino Kubitschek concorreu à presidência e João Goulart à vice-presidência.

36 Carlos Lupi, ministro do Trabalho e Emprego entre 2007 e 2011, membro do PDT.

o chefe agora vai ser direto... Vai fazer que nem o de la Rúa, direto da prefeitura de Buenos Aires para a presidência da república.” “Vocês estão loucos, tem que internar.” Primeiro, o Brasil não é a Argentina, até porque na Argentina metade do eleitorado está em Buenos Aires, a metade do eleitorado. Quer dizer, o prefeito da capital, o prefeito de Buenos Aires, já é uma espécie de vice-presidente da república. No Brasil, está bem que o Rio de Janeiro é importante, mas tem trezentas grandes cidades no Brasil. “*Vocês estão loucos.*” Digo: “Segundo lugar: o papel do presidente nacional do partido é cuidar as eleições municipais em todo o território nacional”. Quer dizer, o Rio de Janeiro é importante? É, São Paulo é, Belo Horizonte é, Recife é, Salvador, Porto Alegre, Curitiba, tudo é importante. Como é que o presidente do partido vai ser candidato em uma? E as outras, ficam o que, entregues a quem? *Isso aí é...* Então discutimos muito, lá no Grêmio, em uma churrascaria, era um negócio das mulheres, nós estávamos sentados numa ponta... numa mesa em U, assim, “atacado” em um canto. E ele é muito vivo, o Brizola, sempre foi muito competente, muito inteligente, *muito* observador. É o seguinte... aí de noite: “Vamos tomar café às sete horas ali no Plaza”. “Está bem, estou aqui às sete horas.” Sete horas eu estava no Plaza. “Estava acalorada a discussão ontem, né, compadre?” “Estava, eu estou muito preocupado com essa história, vamos desistir, onde já se viu, tem que cuidar...” “*Não*, não esquenta a cabeça, deixa esses loucos para lá, eu não vou fazer uma loucura dessas.” Dali a vinte dias, ele era candidato. Aqui eu cheguei e expliquei para eles: “Olha, o negócio do Collares<sup>37</sup> aqui com a Neuza, com o Orçamento Participativo,<sup>38</sup> aqui encheu, a opinião pública não quer aqui ninguém falando bobagem... Falando de Neuza, Collares... não dá para encaminhar a eleição do Collares, aqui a candidatura dele à prefeitura é um tapa na cara da opinião pública, não dá, não dá. É perigoso para nós”. Aí, resultado: depois veio o segundo turno, aí houve a eleição em segundo turno, aquela lista dos partidos que apoiaram o Collares tinha eleito 22 dos 33 vereadores, *exatamente* dois terços, 22. Aí no segundo turno aqueles partidos apoiaram o Collares, e o Collares fez um terço dos votos. Não chegou bem a um terço, foi quase três a um para o

---

37 Alceu de Deus Collares, vereador de Porto Alegre e Deputado Federal do RS pelo MDB nas décadas de 1960 e 1970. Nos anos 1980, foi prefeito da capital gaúcha pelo PDT e, nos anos 1990, foi Governador do estado do Rio Grande do Sul.

38 Sereno refere-se ao calendário rotativo, sistema de calendário malgrado instituído pela então secretária da Educação do Rio Grande do Sul, Neuza Canabarro.

Tarso.<sup>39</sup> Nós apoiamos o Tarso, publicamente, foi quando nós nos desligamos do PT,<sup>40</sup> foi aí. Por uma série, assim, de problemas; aí chegou um ponto: “Mas o que eu estou fazendo aqui? Tudo que eu digo é ao *contrário!*” Tudo que eu digo, ao invés de ser pelo menos considerado. O governo do estado: eu queria o acordo com o PT no primeiro turno. “Ah não! Candidato próprio. No fundo é porque o Sereno quer ser o vice”. Não quero, palavra de honra, não pensava nisso, não queria. Não deu, vamos para a candidatura própria. Fizemos um fiasco, foi de longe o terceiro. Aí segundo turno: eu me impus, se concordou, discutimos bem. Nós tivemos uma reunião dos vereadores do partido, fizemos reuniões em cada uma das 103 coordenadorias do interior. Finalmente, reunimos o diretório estadual e votamos. Tudo aprovou participar do governo Olívio Dutra. Quatro secretarias: a Dilma,<sup>41</sup> Minas e Energia; o Pedro Ruas nas Obras Públicas; o Zuanazzi no Turismo e o Renan Kurtz na Extraordinária do Mercosul. Aí logo depois, começou: “Mas é muito pouco, muito pouco”. “Bom, é pouco, mas aprovaram assim.” Porque era para ser mais no primeiro turno, que eu queria, vocês não quiseram e começou. Aí, de repente, o Brizola desembarca aqui “metendo pau” no Olívio. Mas o Olívio é um homem sério. Aí chegou um ponto que eu digo: “Não, para aí”. Nós discutimos essa questão. Eu digo: “Olha aqui, houve uma discussão interna em todos os níveis, questão de participar ou não do governo Olívio Dutra, do PT. Nós discutimos, aprovamos no voto, nada é irrecorrível, só o papa é infalível, podemos... mas vamos discutir e vamos votar, e podemos sair, desde que uma discussão e um voto...” “Não, não. Está decidido.” “Não está, para mim não. Isso aí não é mais partido, é um bando tocado por um tropeiro.” Então vou te dizer, foi uma *série* de coisas que foi, foi, foi... e não, não é mais. E aí quando... bom, isso aí... mas no fim eu... o Brizola começou um namoro com o antigo PFL [Partido da Frente Liberal]... Não, não dá. Até me dói o coração quando eu sei que ele morreu na segunda-feira de noite. No dia anterior, no domingo, ele ficou em casa o dia todo, passou o dia com o cara, almoçou com ele no apartamento, teve toda a manhã e toda a tarde... Troço que para mim... mais repelente que existe na política brasileira é esse tal de Bornhausen.<sup>42</sup> Esse senador de Santa Catarina. Isso aí é uma coisa muito triste, triste... Não entendi essa... [pausa]

39 Tarso Genro, candidato a prefeito de Porto Alegre pelo PT, que foi vitorioso.

40 Sereno quis dizer PDT. A eleição em questão foi o pleito municipal de 2000 na capital gaúcha.

41 Dilma Rousseff, na época, filiada ao PDT. Em 2010, foi eleita presidenta da república pelo PT.

42 Jorge Bornhausen, político catarinense do antigo PFL, atual DEM (Democratas).



**H** – E dá para a gente perceber que seu engajamento, tanto no antigo PTB quanto depois no PDT, foi bastante grande mesmo, uma militância, um engajamento...

**SC** – Modéstia à parte, aqui no estado fui eu que construí o partido, eu que fiz... Basta dizer que não há um município do Rio Grande em que eu não tenha estado. Agora já não viajo mais, já não tenho mais nem idade, mas foi uma coisa muito trabalhada. Não houve partido que trabalhasse... Aqui que quero ver que partido tem uma sede como tem o PDT, que eu deixei paga, escriturada, registrada na SMOV [Secretaria Municipal de Obras e Viação], com cofre, botei cofre no partido, deixei carros novos, caminhonetes zero, deixei 110 mil em caixa... [pausa] Eles tiraram o meu retrato, está bem, eu nem quero que fique aí...

**H** – Mas e a adesão ao PT, não sei qual o seu grau de militância...

**SC** – Foi uma coisa assim, ir para onde? Eu, sinceramente... olha, não dá mais PDT, o caminho natural é voltar para o PTB. Eu não podia por um problema pessoal próprio – outros podiam, eu não –, que era o fato de que a Terezinha estava lá no PTB, iam dizer que eu estava indo atrás dela. Não dá. Hoje não daria para mim o PTB, por quê? Porque o presidente nacional é o Jefferson.<sup>43</sup> O vice-presidente é Collor! O que é isso? Aqui tudo bem, é o Zambiasi.<sup>44</sup> O Zambiasi é um cara digno, tudo bem, pelo Zambiasi não teria problema nenhum. Ao contrário, o Zambiasi é cem por cento, mas em nível nacional? Aquele Jefferson, aquilo é um bandido de colarinho branco de marca maior. E o Collor? Pois o Collor, agora senador e passou um ano nos Estados Unidos, morando em Miami. Agora voltou, reassumiu... Aliás, no nosso país... eu a semana passada... amanhã vai fazer uma semana, amanhã é quinta feira. Quinta feira passada foi dia... 29 de abril, o dia da decepção. Eu vejo no jornal um negócio do meu amigo... o deputado estadual aqui, o... Villaverde.<sup>45</sup> Bom, depois daquele gesto do Olívio que o PT, partido, assim, respirou meio aliviado, “Graças a Deus, agora nós não vamos ter briga

---

43 Roberto Jefferson.

44 Sérgio Zambiasi.

45 Adão Villaverde, deputado estadual pelo PT.

interna. É um candidato, pronto”. Aí o Villa se lança candidato: “*Ah, mas já tinha o de São Leopoldo*”. Bom, São Leopoldo tem os coloninhos do interior que ninguém dá... agora o Villaverde... Bom, aí no mesmo dia o jornal mais adiante – ainda bem que não falo há dois anos –, o João Luiz, presidente do Tribunal de Contas... disse que a Assembleia vai rebaixar o subsalário, mas o Tribunal não vai cortar os que ganham acima do teto. Bom, mas um órgão político, que vive do voto, tem que fazer favores para dali a quatro anos se reeleger, o deputado tem que fazer favor, vai cumprir a lei e vai cortar o subsalário. Aí o órgão de fiscalização, que ganha uma fortuna e que é *vitalício*, aí esse que é de fiscalização *não vai cumprir a lei? Mas que final dos tempos!* O que é isso? Que dia nacional da decepção! Não pode falar, as pessoas estão vivas, a gente era amigo ontem, anteontem, né. Mas começa pelo seguinte, o presidente do Tribunal de Contas investigado pela... *indiciado pela polícia federal*. [pausa] São novos tempos, antigamente não era assim. Bom, pode ser, como dizem meus filhos: “Velho, tu estás muito quadrado”. Esses novos tempos são assim, mas são melhores que os antigos. Pode ser, quem sabe...

**H** – Então a gente queria costurar um encerramento. Se o senhor pudesse fazer um balanço geral da sua trajetória pelos partidos, pela vida pública...

**SC** – Um balanço, de uma forma assim, nada de pessoal, o que eu acho é isso, que malgrado os pesares, malgrado esses ventos, essas secções que acabamos de falar, malgrado essas coisas, o país está evoluindo, está se aprimorando. Todos os países hoje de democracia praticamente perfeita passaram por esse período. É que nem a corrupção, a corrupção chegou aqui com os portugueses, com Pedro Álvares Cabral, quando deram cachaça para os índios, corromperam os índios. Então, malgrado tudo isso, nós estamos avançando, o país está se desenvolvendo, os costumes políticos estão se aprimorando, não tem hoje mais o Pelé para dizer como disse uns poucos anos atrás: “O brasileiro não sabe votar”. Está aprendendo, está... É que nem criança, cai para aprender a caminhar. Então, o encerramento é esse, eu sou otimista, acredito no país, no futuro do Brasil, e acho que malgrado essas falhas, essas decepções, de uma forma geral o país vai avançando. É isso que eu acho.

**H** – Nós agradecemos.

## Referências

ABREU, Alzira et al. (Coord.). *Dicionário histórico-biográfico brasileiro: pós-1930*. Rio de Janeiro: Editora FGV; CPDOC, 2001.

CÁNEPA, Mercedes Maria L. *Partidos e representação política: a articulação entre os níveis estadual e nacional no Rio Grande do Sul (1945-1965)*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005.

CARDOSO, Claudira do S. C. *Partido de representação popular: política de alianças e participação nos governos estaduais do Rio Grande do Sul de 1958 e 1962*. Dissertação (Mestrado em História) – PUCRS, Porto Alegre, RS, 1999.

COELHO, Gustavo. *A poesia está nas ruas: associativismo e confronto político em Porto Alegre (1962-1968)*. Porto Alegre: Ed. do Museu Júlio de Castilhos, 2014.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *PTB: do getulismo ao reformismo (1945-1964)*. São Paulo: Marco Zero, 1989.

KLÖCKNER, Luciano. *O diário político de Sereno Chaise: 60 anos de história*. Porto Alegre: AGE, 2007.

**Resumo:** A entrevista com Sereno Chaise, realizada em Porto Alegre em duas sessões (dezembro de 2008 e maio de 2009), foi a 24ª do Programa de história oral do Centro de Documentação sobre a Ação Integralista Brasileira e o Partido de Representação Popular (CD-AIB/PRP). Formado em Direito, Sereno Chaise ingressou em 1945 na Ala Moça do PTB, partido pelo qual se elegeu vereador em 1951. Ao longo de sua trajetória pelo Partido Trabalhista Brasileiro, marcada por uma grande amizade com Leonel Brizola, tornou-se um nome de referência dentro do trabalhismo gaúcho. Em janeiro de 1964, assumiu a prefeitura de Porto Alegre, da qual foi afastado com o golpe militar. Apesar de ter tido os seus direitos políticos suspensos, continuou a viver em Porto Alegre, atuando como advogado por algum tempo, e manteve contato com antigos colegas de política – como o próprio Leonel Brizola, que se encontrava, então, no exílio. Já no período da abertura política, voltou à vida político-partidária e esteve presente na fundação do PDT. Em função de discordâncias no interior do partido, migrou posteriormente para o PT.

**Palavras-chave:** política, ditadura, partidos, repressão, militância.

### **The trajectory of Sereno Chaise: from the democracy of 1945 to the present days**

**Abstract:** The interview with Sereno Chaise was the 24th performed by the Documentation Center of the Brazilian Integralist Action/Popular Representation Party (CD-AIB/PRP) and was performed in two sessions, between the months of December 2008 and May 2009 in Porto Alegre. A law graduate, Sereno Chaise entered, in 1945, the Young Wing of PTB (Brazilian Labor Party), by which he was elected as a city councilor in 1951. His trajectory in the Labor

Party was characterized by a great friendship with Leonel Brizola, making him a household name in the Rio Grande do Sul labor movement. In January, 1964, he took over the mayorship of Porto Alegre, from which he was removed by the 1964 Brazilian Coup D'état. Despite having had his political rights removed; he opted to continue living in Porto Alegre, where he continued practicing Law for some time, and also kept in contact with old political friends, such as Leonel Brizola himself, who was then exiled. During the political opening period, he went back to political life, being present for the foundation of PDT (Democratic Labor Party). Due to internal disputes in the Party, he moved to PT (Worker's Party).

**Keywords:** politics, dictatorship, parties, repression, militancy.

Recebido em 27/06/2014

Aprovado em 27/08/2014